

Mal Estar, laço social e adolescência contemporânea: uma perspectiva psicanalítica para a educação

Uneasiness, social bonds and contemporary adolescence: a psychoanalytic perspective for education

DOI:10.34117/bjdv7n4-559

Recebimento dos originais: 18/03/2021
Aceitação para publicação: 22/04/2021

Cláudia Maio

Mestranda em Educação na UNIOESTE
E-mail: claudiamaiou.a@gmail.com

Giseli Monteiro Gagliotto

Doutora em Educação pela UNICAMP
Endereço: Francisco Beltrão-PR, 2021
E-mail: giseligagliotto@gmail.com

RESUMO

O artigo refere-se à pesquisa de mestrado em Educação, que teve como objetivo investigar as possíveis relações entre o mal-estar na adolescência contemporânea e o laço social. Diante do aumento do sofrimento dos adolescentes e das dificuldades referidas por pais e professores, em acessá-los, buscamos elucidar essa realidade sob a ótica Psicanalítica. Trata-se de uma Revisão Bibliográfica que, por meio do método do Materialismo Histórico Dialético, abordará os temas: adolescência, mal-estar, laço social, educação e psicanálise. A contemporaneidade produz novas formas de subjetivação e de mal estar no adolescente. O atual discurso capitalista, não favorece o estabelecimento do laço social; ao contrário, reforça o individualismo e empobrece as referências que outrora ordenavam a sociedade. Como consequência, os adolescentes encontram-se “desmapeados” e desamparados, situação que se reflete no ambiente escolar. A psicanálise defende que a escuta do educador, enquanto um “outro” do aluno, favorece a desafiadora travessia da adolescência, em direção ao laço social.

Palavras Chave: adolescência, psicanálise, educação, mal-estar, laço social.

ABSTRACT

The article refers to Master's research in Education, which aimed to investigate the possible relations between the unrest in contemporary adolescence and the social bond. In view of the increase in teenagers' suffering and the difficulties reported by parents and teachers to access them, we tried to elucidate this reality from a Psychoanalytical point of view. This is a bibliographic review that, by means of the Dialectical Historical Materialism method, will approach the themes: adolescence, uneasiness, social bond, education, and psychoanalysis. The contemporaneity produces new forms of subjectivation and uneasiness in the adolescent. The current capitalist discourse does not favor the establishment of the social bond; on the contrary, it reinforces individualism and impoverishes the references that used to order society. As a consequence, adolescents find themselves "unmated" and helpless, a situation that is reflected in the school

environment. Psychoanalysis argues that listening to the educator, as an "other" of the student, favors the challenging passage of adolescence towards the social bond.

Keywords: adolescence, psychoanalysis, education, uneasiness, social bond.

1 INTRODUÇÃO

É frequente em nossa prática como psicóloga clínica e professora universitária, a fala de pais, professores e pedagogos, sobre o incômodo gerado pela impossibilidade de conexão com o jovem, já que muitos apresentam desinteresse pela escola, além de sinais de sofrimento como ansiedade, depressão, abuso de drogas e problemas de relacionamento. Tais fatores interferem sobremaneira no desempenho escolar, tornando a tarefa de professores e pedagogos um desafio maior. Nasce então, o interesse em compreender melhor os elementos interatuantes nesse mal estar.

Segundo a Organização Panamericana de Saúde (OPAS, 2020), a saúde mental do adolescente sofre influência da mídia e das normas de gênero que podem exacerbar a disparidade entre a realidade vivida por um adolescente e suas percepções ou aspirações para o futuro. As dificuldades nas relações familiares e com seus pares, a violência - incluindo pais severos e bullying - e os problemas socioeconômicos, representam sérios riscos à saúde mental do adolescente:

Considerado um problema mundial de saúde pública, suas características se apresentam de acordo com cada pessoa, associada a diferentes sintomas, alterações, duração, grau de sofrimento emocional, nível de incapacidade que interfere nas relações interpessoais e nas competências sociais (CUSTÓDIO et al, 2020, p. 03).

Partindo desses dados provenientes da Saúde, trataremos sobre o mal-estar e o laço social na adolescência, sob a ótica da psicanálise, por meio de uma Revisão Bibliográfica, de escritos de Freud, Lacan e outros autores contemporâneos, nos temas: adolescência, mal-estar, laço social, educação e psicanálise. Principalmente, no que concerne às possibilidades de contribuição, da leitura psicanalítica, para o campo da educação do adolescente. Interrogamo-nos então, quais relações entre o mal-estar na adolescência contemporânea e o laço social, emergem como (im) possibilidades frente à formação educacional do adolescente?

O método adotado é o Materialismo Histórico Dialético, que propicia a visão de homem enquanto ser social e histórico, determinado por contextos econômicos, políticos e culturais, bem como, transformador desses contextos. De acordo com Tambara (2000),

a pesquisa sob esse método deve contemplar, a concretude entendida como a historicidade do ser, de modo a considerar a complexa realidade social, presente nos vários momentos históricos.

A adolescência, de acordo com Ariès (1973), é um conceito recente, inventado pela cultura ocidental no final do século XIX e consolidado em seu sentido atual, no século XX, designando um período particular da vida de um indivíduo, situado entre a infância e a idade adulta, reflete o contexto histórico social vivido pelo adolescente em numa determinada cultura e época.

Segundo Papalia e Feldman (2013), a adolescência compreende, aproximadamente, entre os 11 e os 19 ou 20 anos, sendo “uma transição com mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais, e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos, geradores de apreensão frente a novas demandas relacionadas à maturação sexual e a aquisição de uma identidade” (p. 386).

Muito embora Freud não tenha utilizado o termo adolescência em sua obra, no texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), ele refere, que a puberdade representa o momento de conclusão do desenvolvimento sexual, sendo sua última fase, chamada Fase Genital. Freud localiza a entrada na puberdade, como período no qual as pulsões parciais infantis atingem uma unificação, a serviço da reprodução. Afirma que é um período crítico, que pode propiciar psicose:

Durante o desenvolvimento na puberdade e em consequência dele, esse excesso original é complementado pelo poderoso aumento da excitação que decorre do despertar da sexualidade, das glândulas sexuais. A partir daí há uma quantidade excedente de energia nervosa livre disponível para a produção de fenômenos patológicos (Freud, 1893-1895/1996, p. 258).

Aqui, Freud argumenta que, além de haver um excesso original de pulsão no púbere, esse será exacerbado pelas mudanças físicas, havendo uma elevação da libido que, facilitaria o desprazer e a erupção de neuroses.

Para Knobel (1981), entrar no mundo adulto, situação desejada e ao mesmo tempo temida, significa a perda definitiva de sua condição de criança, encenada pelo luto do corpo infantil e dos pais idealizados. As mudanças psicológicas e corporais, se correlacionam com os imperativos do ambiente, levando a uma nova forma de relação com os pais e com o mundo; constitui-se num período de desestabilização, que pode ser confundido com um estado patológico. Há aspectos esperados na adolescência, que não configuram um quadro “anormal”, o que o autor chamou de Síndrome Normal da adolescência, caracterizada pela busca da identidade, a atitude social reivindicatória, as

contradições sucessivas na conduta e as constantes flutuações de humor. (KNOBEL 1981, p. 29).

O autor ao descrever características comuns a fase, amplia a compreensão desse processo evolutivo, em busca da desconstrução da visão patologizada do adolescente, ainda vigente no discurso da sociedade e profissionais da educação. “As descrições idealizadas, ou os preconceitos denigratórios ou persecutórios com respeito à adolescência não ajudam nem o sociólogo, nem o educador, nem o psicólogo ou psiquiatra”. (KNOBEL 1981, p. 59).

Para a psicanálise, a constituição do sujeito está intimamente ligada ao simbolismo do complexo de Édipo, ou seja, das relações objetais primárias. Freud utilizou o mito do Édipo para ilustrar o desenvolvimento da sexualidade infantil, no qual por volta dos quatro anos, a energia sexual (libido), direciona-se para os genitais, em especial a presença do pênis. Ocorre também, o apaixonamento do menino pela mãe, que se torna objeto de desejo. Na resolução desse complexo o pai, enquanto interditor, torna-se empecilho para a realização desse desejo. Instala-se a “castração”, traduzida em impossibilidade, obrigando o sujeito a reprimir tais desejos que migrarão para outros objetos.

Conforme Vieira (2008), Lacan faz uma leitura diferenciada do Complexo de Édipo, considerando que ele “não é uma fase, nem um sentimento mas um mito, que como tal, uma história que define o lugar do impossível” (p. 161). Lacan (1957-58/1999), introduz o que chamou de metáfora paterna, na qual, a partir da função castradora simbólica do pai, referida como “Nome do pai” ou “Lei”, a criança se posicionará frente às demandas do mundo.

A Psicanálise considera que na adolescência, há uma reedição do complexo de Édipo, frente à entrada na fase genital e as definições de seus desejos sexuais. Assim, cabe ao adolescente, desenvolver um trabalho psíquico em direção a um lugar que não o lugar infantil. Para se tornar um “adulto”, deverá reconhecer a impossibilidade de realizar seu desejo edipiano infantil, interditado pelo pai. Inscreve-se aí, a “falta”, que deslocará o desejo e necessidade de amparo, antes direcionados às figuras parentais, para novas figuras simbólicas representativas no laço social (Outro). Portanto, essa falta é necessária e fundante do sujeito, pois dela deriva o “desejo” que é indispensável a vida.

Tendo em vista essas primeiras definições a respeito da adolescência, passamos a discorrer sobre a questão do “mal-estar” no sujeito, tema central explorado por Freud em seu célebre texto, *Mal-estar na civilização* (1930/2020). Neste, Freud indica as três possíveis fontes do mal estar existencial: a vulnerabilidade do nosso corpo; as forças invencíveis da natureza e as relações com outros. Considerando nossa impotência frente à mortalidade e frente a determinadas situações da natureza, a exemplo de uma pandemia, somente a terceira dessas fontes, permite alguma espécie de domínio por parte do homem, que é a relação com os demais. No entanto, o autor constata que, no decorrer da história, mesmo com o esforço da humanidade, para alcançar harmonia na sociedade, persiste um mal-estar advindo da impossibilidade de conquistarmos um estado pleno de felicidade no convívio social.

O sujeito, movido pelas pulsões sexuais (vida) e agressivas (morte), encontra barreiras na satisfação dessas, devido às normas civilizatórias e à repressão de seu próprio superego. A fim de minimizar o mal estar, lançamos mão de estratégias substitutivas, como a crença reconfortante em religiões, as substâncias entorpecentes e a sublimação das pulsões através de atividades artísticas e intelectuais. Ainda, assim Freud alerta que essas estratégias nem sempre funcionam, enfatizando a constância da violência e da guerra na história da humanidade, como escoamento de pulsões agressivas do sujeito. (FREUD, 1930/1996).

Participar do laço social é, necessariamente, fonte de contínuo sofrimento da humanidade, uma vez que, estar no coletivo implica a renúncia de exigências pulsionais, em prol dos ideais da sociedade. A adolescência aproxima-se desse mal-estar, pois em sua travessia, o jovem terá que renunciar à suas fantasias incestuosas e agressivas para poder se reencontrar em outros objetos simbólicos, modificando o seu desejo.

Compreendendo a ideia de Freud, da necessidade do sujeito participar do laço social para sua sobrevivência e proteção, psicanalistas contemporâneos avançaram em sua análise, uma vez que novos movimentos da civilização se estabeleceram. Partindo da ideia de Lacan, do “inconsciente estruturado como linguagem”, compreendemos que o laço social se constrói através de “discursos”, estruturas de significantes que direcionam nossa relação com o “outro”. Sendo assim, quais são os discursos predominantes na contemporaneidade que constituem os atuais laços sociais?

Para problematizar essa indagação, é necessário nos situarmos frente às interpretações de autores sobre o momento vigente da sociedade. Forbes (2012), diferencia o homem da modernidade do homem da pós modernidade; esse último

pertencente ao período contemporâneo, o qual o autor denominou “Terradois”. A ideia de “Terradois”, faz contraponto à “Terraum” - período da modernidade - que estava mergulhado nos valores do iluminismo, da razão e da ciência, garantindo ao homem, um futuro de certezas e segurança. Na “Terradois”, uma espécie de “novo planeta”, estamos no mesmo território, porém o modo de vida se alterou, dramaticamente, desde o nascimento, o crescimento, a educação, o trabalho, as relações e a morte.

Todos esses aspectos estão modificados pelo perpasso do avanço científico-tecnológico e pela lógica do capitalismo hegemônico. A leitura e a compreensão dessa realidade, não responde mais aos velhos códigos, anteriormente, válidos. Nos deparamos então, com o homem “desbussolado”, efeito das mudanças do século XXI; o eixo das identidades passa de vertical para horizontal. Forbes argumenta que “essa mudança progride no sentido de apagar os restos das marcas da tradição, que estruturavam o laço social: a diferença geracional e sexual (...) do mundo antigo” (FORBES, 2012 p. XVIII).

Outros autores psicanalistas (LACAN, 1938; ALBUQUERQUE, 2005; COUTINHO, 2009; LIMA, 2014 e DUNKER, 2020), problematizam um fenômeno da atualidade, que se interpõe no laço social do ser humano, em especial no do adolescente, que se encontra em processo de construção de sua subjetividade. O declínio social da imago paterna.

Em *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, Lacan (1938/2003a) destaca as modificações na subjetividade ligadas ao progresso social, a as modificações na configuração familiar, como efeitos do discurso da ciência e da mudança na relação entre os sexos. Como consequência, Lacan refere "o declínio social da imago paterna" e que esse declínio constitui uma “crise psicológica”, uma derrocada do modelo familiar sustentado na referência paterna. A ideia de "declínio da imago paterna", quer denotar a carência do pai na nossa cultura e nas formas atuais de família. Lacan utiliza o conceito de Nome-do-Pai, ou nomes do pai, fazendo do pai uma função exercida por outros significantes. No entanto, a ordem social atual não é mais calcada na função do pai que nomeia, não é mais o desejo que lhe corresponde, e sim o gozo¹ (p. 66-67).

Sobre isso Albuquerque (2006) pontua:

A ideologia edipiana, do pai capaz de estabelecer a ordem no mundo, começa a se esbarrar no gozo desenfreado da época atual. A contemporaneidade coloca em xeque a imagem do pai. Quem consegue fazer frente a esse ideal? A figura tradicional de autoridade decaiu e o pai atual se mostra ausente, carente, humilhado, um “pai postiço”, muitas vezes desempregado, ou apenas um esperma de um banco de doação. Nada que seja capaz de sustentar aquela

figura idealizada, que ancorava o sujeito desamparado (ALBUQUERQUE, 2006, p.62).

A queda do nome do pai, remete à queda “dos nomes” do pai, uma vez que não é somente a figura do pai (propriamente dito), que declina na contemporaneidade, mas sim de todo um código simbólico ordenador social. Partindo do conceito de Lacan, que pensa o sujeito como derivado de sua relação com Outro, Dufour (1999) apud Coutinho (2009) ensina que vivemos hoje uma crise do simbólico, determinada por um declínio do Outro; não temos mais figuras favoráveis a encarnar essa função; estamos diante de referenciais e de figuras do Outro que não cessam de mudar (COUTINHO, 2009, p. 75).

Ideia, também compartilhada por Lustosa, Cardoso e Calazans (2014):

Na época contemporânea assiste-se a uma decadência dos grandes referenciais de avaliação que cimentavam o mundo social. Se antigamente as escolhas dos sujeitos eram norteadas pelos sólidos códigos de interpretação ofertados pela tradição, pela autoridade ou pela religião, hoje se observa um desmoronamento das balizas que conferiam coesão à sociedade (p. 02).

Essa premissa, incrementa-se no adolescente, visto que está passando dos ideais encarnados nos pais para os ideais presentes na cultura. Tal realidade, impacta em condutas desprovidas de interdição e remete a uma nova configuração da formação de crianças e adolescentes, bem como em seu mal-estar, derivado da insegurança, nas relações representativas de autoridade (Outro), e da busca ilimitada por gozos, virtualmente, produzidos. O caminho da satisfação, na atualidade, passa pelo avanço técnico-científico, que oferece soluções imediatas, através dos objetos de consumo, das drogas para a felicidade e do mundo impalpável da internet (redes sociais e jogos eletrônicos), produzindo a ilusão de poder e de prazer ilimitados - gozos.

O comportamento violento e autodestrutivo, como por exemplo a toxicomania, as heteroagressões, as autolesões e a própria depressão, muito embora causem sofrimento no adolescente, produzem também um gozo ao qual o sujeito tem dificuldade em abandonar, o que a psicanálise atribui à atuação da pulsão de morte do indivíduo.

1. Gozo: o termo inicialmente, ligado ao prazer sexual, à busca da satisfação de pulsões guiadas pelo “princípio do prazer”, a partir da evolução teórica, Freud também associou o gozo à pulsão de morte ou agressiva, inerente ao sujeito, o qual implica a ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio, ao qual o sujeito permanece subjugado (RODINESCO, 1998).

Todos esses comportamentos, visivelmente acentuados na atualidade, evidenciam novas formas de subjetividades e novas modalidades de laço social, que se apresentam como desafios para a análise psicanalítica e para a educação dos adolescentes.

Birman (2020), salienta que o mal-estar é de ordem subjetiva, pertencente ao mundo anímico do sujeito em interface com o encontro com o outro. Ao fazer uma releitura de *O mal-estar na civilização*, observa as similaridades e diferenças do mal estar presente na modernidade de Freud e o mal-estar que se manifesta hoje, o qual chamou de “Mal-estar na atualidade”. Numa ordem social tradicional, somos regulados pela longa duração e permanência das instituições e dos sistemas de regras, que nos oferecem segurança. Em contrapartida, na atualidade, a subjetividade deve ser, constantemente, remodelada em função da intensa transformação da ordem social. O homem “desmapeado” além de se haver com o desamparo originário das figuras paternas, vive relações pouco substanciais que incrementam tal desamparo:

O mundo adquire uma dimensão de infinitude, já que as rotas e os caminhos se multiplicam numa espécie de espiral ascendente. Incrementa-se muito, dessa maneira, o potencial de incerteza do sujeito, já que este passa a ser exposto a maiores opções e escolhas. A insegurança e a angústia se multiplicam, como consequência. Estas se transformam em sua qualidade, assumindo novas formas anteriormente inexistentes, além seu aumento quantitativo. Em função disso, o desamparo do sujeito se incrementa bastante, revelando-se o tempo todo como uma ferida exposta e sangrenta. Enfim o sujeito passa a se inscrever no mundo que lhe oferece muitas possibilidades mas que também lhe aponta muitas impossibilidades existenciais” (BIRMAN, 2020, p. 85).

Quanto a essa profusão de possibilidades, ofertadas pela contemporaneidade, o sociólogo Bauman (1998), igualmente, acredita que se traduzam em fontes de angústia. Para ele, se em outros tempos sofríamos pela falta de liberdade e restrição de escolhas, conforme ensinou-nos Freud. Hoje, continuamos sofrendo, mas pelo excesso de demandas e de alternativas. Ao escolher uma delas, nos resta a angústia de “perder” as outras.

Em sua obra, *Modernidade Líquida* (2001), Bauman descreve a superficialidade e volatilidade das relações e da própria noção de identidade do sujeito. O autor considera a identidade como um modo singular de ser, que se apresentava na modernidade, com uma certa estabilidade e linearidade no transcorrer da vida. Já, na atual sociedade capitalista, de valores “líquidos” e efêmeros, a identidade também deve se apresentar líquida, devido à constante renovação, tanto de objetos de consumo, como de empregos e de relacionamentos afetivos. Mesmo correspondendo a todas essas prerrogativas, o sentimento de insatisfação e de vazio não desaparece no sujeito.

O discurso capitalista, nomeado por Lacan (1972), postula que os sujeitos vivem e são educados para uma sociedade que os objetaliza, induzindo-o ao individualismo consumista, que precisam “ter” objetos de gozo para não serem excluídos do social. Se antes, fazer parte da sociedade significava exercer a cidadania através da participação política e social, hoje, para ser parte da sociedade, é preciso ter poder de compra/consumo.

Seguindo nessa lógica, Gurski (2016), salienta que:

Esse discurso não promove propriamente o laço social, mas ao contrário através de uma parceria desconectável-a-qualquer-momento, promove uma ilusão de completude ofertando ao sujeito objetos de consumo curtos, rápidos e descartáveis- ainda que isso gere tédio, tristeza, falta de sentido na mesma velocidade que estão sendo consumidos. Assim o adolescente se vê perdido entre o imperativo macro do capital e o micro de sua tribo ou rede. Contrariamente ao discurso do mestre de Lacan, o discurso do capitalismo, não regula o laço social é um discurso sem lei, que rejeita a “castração” e produz segregação (GURSKI, 2016 p 159).

Nessa passagem, a autora adverte que, o discurso capitalista, promove uma ilusão de completude, ao oferecer objetos de consumo ilimitados; porém esses prazeres são fugidios. O discurso, aparentemente, sem lei, deixa o adolescente perdido e, constantemente, insatisfeito.

Bauman (2001), ressalta que na sociedade de consumo, não há o momento da vivência da congratulação, ao se alcançar uma conquista, pois logo que atingimos a meta, lançamos para frente nosso desejo, mantendo-nos, eternamente, descontentes. Isso não acontece só com aspectos materiais e de trabalho, mas também no âmbito das relações afetivas; após a conquista de alguém é comum ir em busca de outras relações que prometem diferentes formas de satisfações. Passamos de uma sociedade calcada na solidez (modernidade), para uma sociedade em que o importante é a coleção de experiências vividas em curto espaço de tempo.

Essa característica da liquidez, coaduna-se com o advento da internet. As redes sociais virtuais, criadas a partir dos anos 2000, foram, paulatinamente, ocupando nosso espaço social, sendo, hoje, a principal ferramenta de comunicação e de relação interpessoal dos adolescentes. Ainda não temos a real dimensão da sua influência futura, o que podemos já verificar, é a exaltação do consumo e da felicidade plena, veiculados em anúncios, imagens retocadas e perfis pouco correlatos à realidade das pessoas por trás das telas. A possibilidade de anonimato, permite ofender, desqualificar e “cancelar” pessoas e grupos, sem a devida responsabilização. Adolescentes, já inseguros, sofrem

pelo rebaixamento de sua autoestima e consequente mal estar, gerado pela inadequação aos altos padrões de beleza, de consumo e de sucesso preconizados.

O contato intenso do adolescente com o ciberespaço, reduz suas experiências relacionais e afetivas, nele predominam os sentidos da visão e da audição no mundo virtual, limitando outras sensações e percepções provenientes da presença do outro. O reflexo disso são vivências e percepções distorcidas ou distanciadas da realidade concreta.

Também está presente no discurso atual, o apagamento das diferenças geracionais, devido ao ideal de juventude eterna dos adultos, esvaziando-se da sua experiência e da sua função de Lei. É no encontro com o velho, que o jovem pode se diferenciar e criar algo novo e seu. Na carência de um lugar próprio, o jovem busca nos grupos, nas tribos, uma identificação², processo intenso na adolescência, por meio de ídolos e entre pares. Mesmo sendo necessária a constituição do sujeito, a identificação não deve ser contínua, pois também segrega a diferença (GURSKI, 2016, p. 164).

Diante dessa busca de seu próprio lugar, uma possível resposta do adolescente à ordem do mundo adulto, é apresentar-se ou delimitar-se através de atos extremos, como marcas no corpo, depressões, suicídios, imersão na virtualidade, violência, erotização extremada e desqualificação da autoridade (GURSKI, 2016 e LESOURD, 2014).

Diante do exposto, como o educador de adolescentes, pode exercer seu papel? Há uma celebre afirmação de Freud, que alude a educação como algo do “impossível” por ter como instrumento principal a palavra, a qual apresenta-se sempre não apreendida em sua dimensão total. Visto que toda a linguagem traz elementos inconscientes, que escapam ao sujeito, há a impossibilidade de alcançar um discurso em sua completude. Entretanto, como veremos a seguir, há espaço sim, para o pensar psicanalítico na educação.

Voltolini (2011), aborda as possibilidades do diálogo entre a educação e a psicanálise e defende que as obras de Freud e Lacan, contribuem para refletir o ato educativo. Ao apontar características da psicanálise, “avessas” aos objetivos concretos da pedagogia, não se posiciona contra a importância do papel primordial da educação e do educador frente ao educando. Porém, é contundente ao afirmar que, “a posição da psicanálise no campo educativo é a de desmontar a pedagogia enquanto discurso mestre e exclusivo sobre a Educação” (p. 10).

2. Identificação: definida por Laplanche e Pontalis (2001), como um processo psicológico pelo qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa.

Não pretende, contudo, desenvolver um discurso hegemônico ou de sobreposição do conhecimento da psicanálise sobre a pedagogia, mas intenciona ampliar nossa visão sobre os limites e possibilidades da educação. O fim último da pedagogia e da psicanálise em educação é problematizar se estamos chegando a termo, na tarefa de educar. Dessa maneira a psicanálise:

[...] nos fala, antes, sobre a precariedade inevitável de todo ato educativo, sobre a ignorância particular e insuperável, embora não incontornável, de todo adulto em relação à criança e sobre o campo amoroso que se instala entre o educador e o educando, permeando essa relação com uma atmosfera particular, decisiva quanto ao destino da aprendizagem (VOLTOLINI, 2011).

Na citação acima o autor aponta o “campo amoroso que se instala entre o educador e o educando”, referindo-se ao fenômeno da transferência, cunhado por Freud. Uma quantidade de pulsões, provenientes de vivências e conflitos infantis seriam reeditadas nas relações atuais. Tais sentimentos seriam transferidos do passado, principalmente para a figura do médico-analista e podem ser de natureza, amorosa ou agressiva. A transferência tornou-se a principal via de acesso a pessoa em análise, sendo utilizada por Freud como técnica na elaboração de conflitos primitivos. Se, inicialmente Freud concentrou-se na transferência da dupla médico-paciente, com o tempo passou a compreendê-la como um fenômeno universal:

Naturalmente, deve-se atribuir a toda pessoa normal uma capacidade de dirigir catexias libidinais às pessoas. A tendência à transferência nos neuróticos, da qual falei, é apenas um aumento extraordinário dessa característica universal (FREUD 1996/1916-1917, p.446).

Partindo desse pressuposto o estabelecimento da transferência na dupla educativa é fundamental para o desdobramento da aprendizagem. A transferência do estudante para com seu educador contribui para que a aprendizagem possa ser barrada ou facilitada. De acordo com Gutierrez (2003):

O processo de atribuir ao professor um lugar especial, contribui com a aprendizagem. Isso porque ao verificar o ‘brilho’ nos olhos de seu professor na relação com o objeto do saber, o aluno passa a desejar o objeto de desejo desse professor, e a forma com que lidará com esse poder que lhe é atribuído marcará um tipo de educação: ou mais voltada para o campo da alienação ou visando a separação” (p. 84).

A escola e o educador têm papel relevante na adolescência, “momento de passagem dos laços da família para o laço social, do abandono dos pais para o encontro com os mestres” (LIMA, 2014, p.162). O educador pode ser o representante de referências

as quais o adolescente necessita, alguém que apresenta-se acolhedor, ao mesmo tempo delimitando limites os quais impulsionarão o adolescente ao caminho da autonomia e não de alienação.

Outeiral (2005), ressalta ainda, que o professor quando revestido de uma importância especial pelo estudante, obtém grande influência, uma vez que esse colocará seu mestre como substituto das suas figuras parentais, capaz de representar e exercer, principalmente, a função paterna.

Freud (1914/1969), ao elaborar o texto *Algumas reflexões sobre a educação escolar*, partindo de sua própria experiência como estudante, revela que, "é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas ou a personalidade de nossos mestres" (p. 248). Freud elucida que estamos inclinados a amá-los e odiá-los, a criticá-los e respeitá-los. Essa ambivalência remete às primeiras referências emocionais, vividas com pessoas próximas, pais, mãe, irmãos, cuidadores. Formam-se, nos primeiros seis anos de vida, protótipos relacionais que não desaparecem, mas são direcionados a figuras substitutivas (p. 286).

As escolhas posteriores de amizade e amor, estão baseadas nesse primeiro registro, em especial a imagem (imago) do pai, que para Freud, se constitui na mais importante para o jovem. Diante do complexo de Édipo, o homem está fadado a amar e admirar o pai, mas também esse pai é o perturbador a sua vida instintiva. Assim, "torna-se um modelo não apenas a ser imitado, mas também eliminado, para que possamos ocupar o lugar dele". Dessa maneira transferimos para os mestres, o respeito e expectativas paternas, mas também passamos a confrontá-los como fazemos com nossos pais (Freud 1914/1969 p. 287).

Ilustrando esses comportamentos transferenciais nos educandos, o estudo de Coutinho (2015), com grupos de reflexão com estudantes e educadores de uma escola, levantou as dificuldades expressadas por ambos no exercício de ensinar-aprender. O aparente desinteresse dos alunos, que muitas vezes se furtam até da "fala" nos grupos e o sentimento de desvalia do educador, em relação a sua autoridade e saber, retratam um mal estar presente no contexto escolar. Em nossa compreensão, os impasses encontrados na relação adolescente educador, devem ser transpostos, sendo fundamentais posturas diferenciadas do educador:

[...] não se trata aqui de se furtar ao encontro/confronto com os desafios muitas vezes dirigidos a eles pelos adolescentes. Mas, pelo contrário, reconhecer o movimento questionador do adolescente como necessário ao trabalho psíquico em curso e não como um ataque pessoal. Quando nos sentimos atacados pessoalmente, tendemos a respostas agressivas especulares, de igual para igual. Se o professor tiver em mente que faz parte do seu trabalho ser suporte de transferência e manejá-la, já não está mais numa relação de espelho, dual, mas sim numa relação mediada pelo saber, pelo trabalho, que opera como terceiro (COUTINHO, 2015 p. 165).

O adolescente, na tentativa de desmoronar autoridades (nomes do pai), para se auto definir e se autonomizar, frequentemente pode direcionar esse rechaço à figura do professor. É necessário que, estando ciente desse movimento da transferência, o mesmo não tome com agressão a sua pessoa, fazendo sua função de mediação desses comportamentos com o “saber inconsciente” ali presente. No intuito de levar o educando à reflexão e não ao levante de defesas ou ataques por parte do adolescente.

Nessa esteira, uma questão, extensamente discutida é a do fracasso escolar. Seria esse fracasso do estudante ou da escola, do educador ou da sociedade? Atribuir esse fracasso a apenas um desses elementos, seria reducionismo de nossa parte. A Psicanálise convoca à reflexão sobre as possíveis condições que levam ou não a educação do sujeito. Para Voltolini (2011), a Psicanálise:

Fala também sobre o incerto caminho do sujeito ao longo de sua educação e dos múltiplos riscos de naufrágio nessa viagem. Todo esforço de Freud nesse campo pode ser compreendido como sendo o de substituir a pretensão pedagógica de um ideal educativo - qual o melhor modo de educar? - por uma discussão sobre as condições de possibilidade de qualquer educação -o que é necessário acontecer para que haja uma educação? (p. 11).

A esse respeito, Coutinho et al (2016), aponta que há, por parte de educadores, um ideal normativo, uma crença de que o fracasso escolar pode ser eliminado por meio de artifícios técnicos e pedagógicos, o que reforça a segregação dos alunos. A universalização da educação não se sustenta em condições adversas, como turmas numerosas e com diversificadas subjetividades presentes.

Ao pressupor um aluno idealizado, que aja e aprenda de uma determinada maneira, gera-se grande pressão sobre a criança ou o adolescente. No entanto, a psicanálise nos adverte que o fracasso não deve ser extinguido, pois ele faz parte daquilo do inconsciente, que não cessa de se inscrever na educação: que “o saber nunca é todo”, portanto não há aprendizagem sem fracasso (Coutinho et al 2016, p. 553).

Tendo em conta que o sujeito da Psicanálise, não é apenas o sujeito objetivo, da consciência e sim o sujeito do inconsciente (aquilo que lhe escapa à consciência, ao próprio saber de si), compreendemos, que a “produção” da dupla educativa está para além do que é transmitido via conteúdo concreto; estão em ação nesse vínculo outras forças, outras realidades que compõem o inconsciente de ambos.

A aposta da Psicanálise na busca desse saber é a Escuta, que não se dá apenas à nível da consciência e dos significados formais da linguagem, deve abranger o “não dito” ou o “mal dito” na linguagem:

É essa posição intervalar do sujeito que produz os lapsos e os atos falhos no discurso. São efeitos do inconsciente estruturado como linguagem o que se diz sem querer dizer. E isto não é outra coisa senão a produção de um saber que não se sabe. É precisamente nos tropeços de uma fala que "a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso" (LACAN, 1998, p. 815).

E de que forma essa escuta pode contribuir no enfrentamento do mal-estar do adolescente? Dunker (2020) é enfático ao declarar que “o sofrimento quando é mal tratado frequentemente transforma-se em sintomas”. Para o autor, mal tratar um sofrimento significa negar três coisas a ele: a palavra (escuta), o compartilhamento e o reconhecimento. Há sofrimentos que nem a escola, nem a família podem oferecer proteção: o adolescente angustiado pelo seu sentimento de inadequação corporal, um púbere que silencie por faltas de palavras, para designar seu estado interno. Mesmo assim, é necessário que se acompanhe essa travessia dos sofrimentos experienciados, sem negar a existência do que não se pode controlar. (p. 73)

Durante esse tempo fomos convencidos de que toda a forma de sofrimento é um sintoma em potencial, e que os sintomas são exalações cerebrais que não dependem de nossas formas de vida, nem de nossas relações sociais, nem do tipo de comunidade ou instituição no interior da qual vivemos, muito menos de nossa leitura ou interpretação desses mesmos sintomas. Isso levou a uma depreciação de nossos recursos “naturais para enfrentar o sofrimento: laços com o outro, experiências de escuta, narrativas de sofrimento e compartilhamento do mal estar (DUNKER, 2020, p. 73).

O autor critica a tendência contemporânea de interpretar o sofrimento psicológico ou mental como um adoecimento fisiológico, que nos acomete aleatoriamente e que remete à busca de respostas rápidas, em geral advindas de novos fármacos, para a supressão do mal-estar. Esse mal-estar não está deslocado ou separado de nossa história, da forma que vivemos, da forma que nos relacionamos e da sociedade que participamos. O mal-estar e o sintoma, se apresentam no sujeito como tentativa de narrar algo que ainda é desconhecido para ele, que não pôde se fazer palavra, nem ser elaborado: “Nos sintomas está contida uma espécie de resistência social, uma

palavra que não pode ser dita nem escutada por outras vias. Um fragmento de verdade do sistema que envolve aquela forma de vida (DUNKER 2020, p.99).

Elucidamos que é através do espaço de Escuta que nos é oferecido, que temos a possibilidade de compartilhamento e de reconhecimento de nosso ser, assim nos aproximando do laço social. Pela palavra e a Escuta conseguiremos realizar novas interpretações de nossos sofrimentos e novas formas de lidar com eles. Ainda, que uma parcela de mal-estar (falta) permaneça em nós, mas isso nos é suportável nessas condições.

Como encerramento desse artigo, que se apoiou na perspectiva psicanalítica, constatamos, que vivência do adolescente se complexifica diante de suas demandas internas físicas e psíquicas, de suas perdas e eminência de novas responsabilidades. Aliado a essas particularidades da fase, problematizamos o impacto, no adolescente, do contexto social atual e com suas intensas mudanças no laço social.

Dentre essas mudanças, a Psicanálise chama a atenção para o declínio da ordem social hierarquizada, tradicional, que oferecia códigos claros e seguros de conduta para se conviver, a horizontalidade dos laços, que dificulta reconhecer os nomes do pai (função de lei), inclusive a queda do mestre na educação. Os autores alertam para o imperativo do gozo ilimitado, forjado nas relações de consumo e nas ilusões veiculadas nas redes virtuais, o predomínio da individualidade e o afrouxamento dos laços afetivos, familiares e até mesmo no ambiente escolar.

Todos esses determinantes conduzem a novos modos de subjetividades no adolescente, que muitas vezes encontra-se perdido enquanto sujeito participante da sociedade, cercado de incertezas quanto a suas capacidades e inseguro quanto ao seu futuro. A ordem é ter uma “identidade fluída” para viver num mundo também fluído (DUNKER, 2020).

Caligaris (2009), frisa que a adolescência como período de moratória, tem se estendido cada vez mais; sabemos que ela inicia na puberdade, mas não sabemos mais onde termina a adolescência. O marco final ideal, seria chegar a uma autonomia e autossuficiência como sujeito, mas isso leva cada vez mais longo tempo e muitas vezes pode não acontecer, situação que o sujeito permanece vida afora no meio do caminho.

Se outrora se esperava do adolescente a energia, o idealismo, a construção do progresso, percebemos hoje muitos deles, alheios aos acontecimentos que o cercam, imersos no mundo paralelo das telas, seu mal estar se expressa em tédio, depressão e atos impulsivos. A liberdade, tão almejada, pelas gerações anteriores, não trouxe maior satisfação e foi cerceada por excessivas demandas sociais. No horizonte de muitos adolescentes, o futuro é sinônimo de desesperança e insegurança, o que os aflige tanto quanto aos pais e aos educadores.

A leitura psicanalítica propõe à educação, o exercício da ética da Escuta, a possibilidade da subjetividade e do mal-estar do educando ser acolhido, ser compartilhado e ser considerado. Também nos lembra da importância do investimento nos vínculos afetivos reais e da potência da relação transferencial entre estudante e educador, na busca do desejo do saber. O educador não

é mero instrumento de transmissão de conteúdos teóricos; sua principal função é se constituir no mediador entre o saber formal e o saber - parte informal, inconsciente - do educando que ali se encontra.

O “impossível” no dizer psicanalítico, não está no sentido da educação tornar-se impotente ou irrealizável, mas sim no falso controle que ela ou o educador acreditam obter sobre o estudante. Ao reconhecer a nossa incompletude sobre o saber do outro (educando), é possível avançar nessa jornada de reconhecê-lo e de afetá-lo. A relação entre educador e adolescente, para se sustentar como significativa, deverá ter dupla função: funcionar como “continente”³, que contém e oferece “bordas” ao desamparo do adolescente, bem como, se inscrever como um “outro faltante”, para que o adolescente se independa e execute sua transição para uma posição de autonomia e de sujeito desejante.

3.Continente-contido: conceito de Bion para a analogia entre o amparo da mãe com seu bebê, que contém a dor emocional desse, e a relação analista-paciente, na qual o analista também funciona, por vezes, como continente do conteúdo do paciente afim de provocar mudanças psíquicas. (Dicionário Inter-Regional IPA) www.ipa.world/IPA/Encyclopedic_Dictionary

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sonia. O adolescente e o outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- ALBUQUERQUE, Judith, Revista do Tribunal Regional do Trabalho - 3ª Região. Belo Horizonte, v.43, n.73 p.61-68, jan./jun.2006.
- ARIÉS, Philipe. História social da criança e da família. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.
- BAUMAN, Zygmunt. O Mal estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar 1998.
_____. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar 2001.
- BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CALIGARIS, Contardo. A Adolescência. São Paulo: Editora Publifolha, 2009.
- COELHO, Carolina Marra. Psicanálise e laço social - uma leitura do Seminário 17. Mental - ano IV - n. 6 - Barbacena - jun. 2006 - p. 107-121.
- COUTINHO, Luciana Gageiro. Adolescência e Errância: destino do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009.
- _____. O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer. Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro, v. 37, n. 33, p. 155-174, jul./dez. 2015.
- COUTINHO, Luciana Gageiro et al. Adolescência e expressões do mal estar na escola: estudo de casos. Estilos Clínica, São Paulo, v.21 n. 3, set/dez de 2016.
- CUSTÓDIO, Lívia Lopes et al. Atuação da psicanálise na atenção às pessoas com transtorno psicótico atendidas no caps: revisão integrativa. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.6, n.11, p.88635-88650, nov. 2020.
- DUNKER, Chistian. Paixão da Ignorância: a escuta entre psicanálise e educação. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- FORBES, Jorge. Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI. Barueri-SP: Manole 2012.
- FREUD, Sigmund. In Cultura, Sociedade, Religião: O mal estar na Cultura e outros escritos. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Tradução MORAIS, M. R. Autêntica: 2020.
- _____. Predisposição inata-desenvolvimento da histeria. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 2, Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Trabalho original publicado em 1893-1895).

_____ O mal-Estar na civilização (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ O futuro de uma ilusão (1927). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.1996.

_____ Uma Introdução ao Narcisismo (1914). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.1996.

_____ Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). Edição standard brasileira das obras completas, vol. VII. RJ: Imago, 1996.

GURSKI, Rose. Psicanálise Implicada: educar e tratar o sujeito, in MEDEIROS, Cynthia. e ALMEIDA, Sandra Francesca. (orgs). Curitiba: Juruá, 2016.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro. Adolescência, psicanálise e educação: o mestre "possível" de adolescentes. São Paulo: Avercamp: 2003.

IANNINI, Gilson e SANTIAGO, Jésus. In: Cultura, Sociedade, Religião - O mal estar na Cultura e outros escritos. Tradução MORAIS, M. R. Autêntica: 2020.

JORGE, Marco Coutinho e FERREIRA, Nadiá. Lacan, o Grande Freudiano, Jorge Zahar editor: Rio de Janeiro, 2005.

KNOBEL, Mauricio & ABERASTURY, Arminda. Adolescência Normal. Porto Alegre: Artmed, 1981.

LO BIANCO, Anna Carolina. O saber inconsciente e o saber que se sabe nos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ágora, vol.13, n.2, p.165-173, 2010.

LACAN. Jacques. Le savoir du Psychanalyste. Aula de 06/01/72. Publicação interna da Association Freudienne Internationale, 1972.

_____ O seminário: Livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____ Le Séminaire livre X. L'angoisse. (1962/1963) Paris: Seuil, 2004.

_____ O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992

_____ Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1998.

LAPLANCHE, Jean, & PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário de Psicanálise (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LESOURD, Serge. Adolescentes difíceis ou dificuldade da cultura. In GURSKI, R; ROSA, M e POLI, M.C. (orgs). Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social. Curitiba: Juruá, 2016.

LIMA, Maria Celina Peixoto. O declínio do mestre e suas relações com o saber no adolescente: novas reflexões sobre a psicologia escolar. In GURSKI, R e ROSA, M. (orgs). Debates sobre a adolescência Contemporânea e o laço social. Curitiba: Juruá, 2014.

LUSTOZA, Rosane, CARDOSO, Mauricio, & CALAZANS, Roberto. "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora:17(2)*, 201-213, 2014. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003> consultado em 04/06/2020.

PAPALIA, Diane e FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. Tradução Daniel Bueno. 12. ed. Porto Alegre: AMGH editora. 2013.

QUINET, Antônio. Os outros em Lacan. *Psicanálise Passo a Passo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994 Organização Panamericana de Saúde (OPAS- OMS) - in <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>, consultado no dia 15/03/2021

OUTEIRAL, José. & CEREZER, Cleon. *O mal estar na escola*. Campinas, SP: Revinter: 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TAMBARA, Elomar. Problemas teórico - metodológicos da História da Educação. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (Orgs.). *História e História da Educação: O Debate Teórico-Metodológico Atual*. Campinas – SP: Autores Associados, 2000.

VIEIRA, Marcus André. *Restos: Uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Educação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.